

ARTES PLÁSTICAS

José GERALDO VIEIRA

EXPOSIÇÃO NEOCONCRETA

PERCORRENDO a exposição neoconcreta que se realiza no Museu de Arte Moderna de São Paulo, o visitante se vai convencendo gradualmente, ou mesmo de chofre, que as novas problemáticas da arte não se restringem à matéria e ao espaço apenas, mas devem ter certa subjetividade, advir de relações interiores entre a espontaneidade e o tempo, ser contínua metamorfose.

Se alguns setores da invenção neoconcreta podem aparentar blagues dadaístas de Colonia, Hanover e Zurich, com a teatralização de nihilismos e gratuidades, na verdade se trata dum movimento construtivo, corajoso, de perspectivas novas, mormente na busca da expressão.

Os artistas e poetas que expõem no Ibirapuera não agem como vanguardistas em coro que integrassem um movimento de disciplina ferrea. A versatilidade do grupo desfaz a suposição de equipe apoiada em generos e principios. Já o manifesto de 59, declarava que a arte não pode ser o produto de principios apriorísticos. De fato, vendo aqui em São Paulo a

objetivação dum movimento já não mais carioca e sim de âmbito nacional, verificamos que suas criações não são recriações decorrentes de formulas explicitas, de programas artesanais realizados em tarefas e em series máxicas, e sim obras simultaneas e individuais, só tendo de comum o binario invenção-expressão.

Não vamos classificar, portanto, dentro de qualquer convenção provisoria, as obras de Ligia Clark, contentando-nos com o apelido intimista de ateliê que a autora lhes deu: "bichos". Qualquer leitor interessado na teoria do não-objeto pode lê-la na plaqueta publicada pelo Suplemento Dominical do Jornal do Brasil. Nela o crítico fenomenologista Ferreira Gullar habilita-nos à compreensão dessa virtualidade desdobrada nos trabalhos de Albertus Marques, Aluisio Caryão, Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Helio Oiticica, Hercules Barsotti, Ligia Clark, Ligia Pape, Osmar Dillon, Reinaldo Jardim, Roberto Pontual e Willlys de Castro.